



MANGUETOWN: UMA BREVE ANÁLISE DA REALIDADE DO RECIFE E SUAS INSTITUIÇÕES EXTRATIVISTAS

RUAN SOUZA³⁴

RESUMO

O artigo investiga como instituições extractivistas, conforme Acemoglu e Robinson, mantêm a pobreza e a desigualdade em Recife. Examina a influência histórica dessas instituições e sua relação com o movimento Manguebeat. Utiliza o manifesto Caranguejos com Cérebro e o álbum Da Lama ao Caos para evidenciar denúncias contra miséria, violência e exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Instituições extractivistas; Recife; Manguebeat; Chico Science & Nação Zumbi; Desigualdade

ABSTRACT

The article investigates how extractive institutions, as defined by Acemoglu and Robinson, sustain poverty and inequality in Recife. It examines the historical influence of these institutions and their connection to the Manguebeat movement. The study draws on the manifesto Caranguejos com Cérebro and the album Da Lama ao Caos to highlight criticisms against poverty, violence, and exclusion.

KEYWORDS: Extractive institutions; Recife; Manguebeat; Chico Science & Nação Zumbi; Inequality.



CONTEXTO HISTÓRICO DE RECIFE E O SEU IMPACTO NO MOVIMENTO MANGUE

Modernizar o passado

É uma evolução musical

Cadê as notas que estavam aqui

Não preciso delas!

Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos. (Trecho de “Monólogo ao pé do ouvido / Banditismo por uma questão de classe”.)

A história do Recife é marcada por ciclos de riqueza que nunca chegaram a todos. Desde os tempos coloniais, quando era um centro produtor de açúcar, até os dias atuais, a cidade carrega uma contradição: enquanto uma minoria acumulava privilégios, a maioria vivia a miséria. A explicação para essa desigualdade persistente, segundo Acemoglu e Robinson (2012), está no tipo de instituições que moldaram seu desenvolvimento: as instituições extrativistas, que funcionam como máquinas de concentrar riqueza e poder.

Os autores compreendem que as instituições econômicas possuem duas formas distintas: a primeira é denominada de instituições extrativistas, que, como o nome sugere, têm como finalidade principal a extração da renda e da riqueza de um segmento da sociedade para benefício de outro. As instituições extrativistas também possuem características específicas, como a proibição (ou restrição) da propriedade privada, a desvalorização da escolha individual, o descaso com a qualidade de vida geral, favorecendo somente uma pequena elite e a não aprovação da destruição criativa (substituição dos antigos mecanismos econômicos por novas formas de instituições). As instituições extrativistas promoveram, então, desigualdades ao longo de todo o período de existência de Recife.

A segunda forma é chamada de instituições inclusivas, que permitem e estimulam a participação da população em atividades econômicas, valorizando as escolhas e os talentos de cada indivíduo, almejando a destruição criativa no processo. Além disso, consideram a propriedade privada um direito fundamental a todos os integrantes de uma sociedade com essa forma institucional. (Idem) Com a abolição da escravidão em 1888, os indivíduos libertos foram marginalizados sem políticas de integração social ou acesso aos meios de produção, consolidando-os como a base da miséria no Brasil. Em Recife, essa população, excluída do contexto urbano formal, ocupou áreas geograficamente vulneráveis, como morros e manguezais, espaços que, historicamente, refletiam (e ainda refletem) a segregação socioespacial.

Passado mais de um século, as raízes da miséria vinculada ao regime escravocrata



permanecem arraigadas, não como herança de continuidade, mas como herança institucionalizada. Em Pernambuco, especialmente na capital, o declínio econômico e a persistência da miséria atingiram proporções alarmantes, a ponto de Recife ter sido classificada como a quarta pior cidade do mundo para se viver, conforme apontam dados do Population Crisis Committee, do Instituto de Washington, D.C., que saiu na imprensa pernambucana em 26 de novembro de 1990, que consideraram índices de desemprego e violência (RAMOS, 2019). Nesse cenário, “Soma-se a este contexto um programa nacional pautado no avanço de políticas neoliberais que enfraquecem as políticas públicas socioculturais, intensificando o quadro de problemáticas.” (RAMOS, 2019, p. 15).

É neste contexto de fome, violência urbana e negligência estatal que os Mangueboys e Manguegirls emergem como vozes de resistência. O Manguebeat, mais do que um gênero musical, consolidou-se como um movimento cultural que sintetiza tradições locais, como o maracatu, manifestação ancestral ligada às comunidades negras e indígenas de Pernambuco com influências contemporâneas, a exemplo do coco, samba, hip-hop e música eletrônica. Essa fusão não se limitou ao campo sonoro: herdou também, conforme aponta Renato L. (1998), princípios do movimento punk, como o senso coletivo e a urgência de ação conjunta para transformar realidades opressivas.

A ênfase na colaboração e na organização comunitária, presente desde os primeiros shows em espaços públicos, tornou-se um pilar central do movimento. Esse aspecto, que será detalhado adiante, reforça como o Manguebeat transcendeu a esfera artística para se tornar um instrumento de mobilização política e reivindicação de direitos em uma cidade marcada pela desigualdade.

O manifesto caranguejos com cérebro

Em 1992, Fred Zero-Quatro publicou, nas mídias pernambucanas, o manifesto Caranguejos com Cérebro, que consolidou o movimento Mangue como um movimento que, “se organizando, pode desorganizar”. O nome da cena surgiu sob influência do romance Homens e Caranguejos (1966), de Josué de Castro, que “narra a história de um menino pobre morador de um manguezal, elucidando a fome, o trabalho árduo e a miséria característicos desses espaços no Recife. A obra de Castro cria a alegoria do homem transformando-se em caranguejo [...]” (RAMOS, 2019, p. 25).

O manifesto é estruturado em três partes: Mangue, o conceito; Manguetown, a cidade; e Mangue, a cena. Na primeira parte, o texto ressalta a importância do mangue. Ramos (2019) destaca essa importância da seguinte forma:

É o ecossistema mais produtivo do mundo, que dá vida ao mar, e capaz de sus-



tentar o comércio local através dos caranguejos e da pesca das espécies que ali nascem. Estes dois pontos retratam a contradição do mangue, enquanto grandiosidade ambiental e condicionante de forma de vida e trabalho miseráveis. (RAMOS,2019, p. 26).

“Como podemos acreditar ser possível isolar um fato econômico, de um fato cultural, ou de fato humano, de um fato natural. Nós humanos não somos animais, portanto natureza? (ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. 2007, p. 31). Na segunda parte, Zero-Quatro descreve um pouco da realidade em Recife naquele momento, na chamada Manguetown: “Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada à permanência do mito da metrópole, só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.” (ZERO-QUATRO, Fred, 1992). Esse quadro foi observado por Chico Science e Nação Zumbi em Da lama ao caos (1994):

*“Ô, Josué, eu nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça.”*

Então,

Cria-se assim a metáfora da Manguetown: uma cidade lamacenta e fétida (representando as problemáticas sociais), porém que abriga uma vasta e rica diversidade étnica, social e cultural, tornando-se um ambiente fértil para a produção e desenvolvimento cultural. (RAMOS,2019, p. 26).

Logo, “basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife” (ZERO-QUATRO, Fred. 1992.)

Na terceira parte “Mangue, a cena”, Fred apresenta os propósitos da organização do movimento:

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo era engendrar um circuito energético, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. (ZERO-QUATRO, Fred. 1992.)

O Manguebeat não queria só se conectar com o mundo, mas “procurar uma forma de resistir a situação de marginalidade e opacidade ante os espaços luminosos do Brasil e procurou usar como estratégia discursiva, para reverter essa situação, o apego as redes globais, a internet e as novas formas de fazer música. [...]” (OLIVEIRA, E.C.L. 2010).



Desta forma, Chico Science e Nação Zumbi lançaram, em seu primeiro álbum *Da Lama ao Caos* (1994), canções como Rios, Pontes e Overdrives, Maracatu de Tiro Certeiro e Atene-se.

Compreendendo todo o contexto em torno da temática, podemos analisar o papel das instituições e das políticas extrativistas que o movimento manguebeat combateu durante sua existência.

O ARMORIAL DE ARIANO SUASSUNA X O MANGUEBEAT DE CHICO SCIENCE

No contexto inicial da ascensão do Manguebeat, o Movimento Armorial, liderado pelo escritor Ariano Suassuna, que ocupava o cargo de secretário de Cultura do governo de Pernambuco na época, dominava a cena cultural do estado desde a década de 1970. Embora o Manguebeat também buscasse valorizar a cultura regional, o Armorial mantinha uma posição hegemônica, atuando de modo a limitar a visibilidade de outras manifestações artísticas com propostas semelhantes (GUIMARÃES; CARVALHO, 2016), utilizando como argumento que movimentos como o Mangue se aproximavam demais da cultura externa (RAMOS, 2019). Suassuna e seus colaboradores – membros da elite – “buscavam assim a homogeneização advinda da indústria cultural” (RAMOS, 2019, p. 16).

Chico Science, o cientista dos ritmos e porta-voz do Movimento Mangue, tinha uma grande necessidade de mudar a realidade da 4^a pior cidade do mundo,

*[...] apresentando uma nova interpretação acerca da arte e da cultura regional, a narrativa do Manguebeat sobretudo no álbum *Da Lama ao Caos* buscou transcender a visão imposta mediante valores relevantes e que gerassem identificação para com o público interessado. os membros do movimento Não buscavam apenas passar uma mensagem, mas inserir “o outro” na construção coletiva de uma nova imagem de Recife. (RAMOS, 2019. p. 42); (Grifo do autor)*

Empreitada essa, que ameaçava a homogeneidade do Movimento Armorial. Ariano, utilizando a sua influência política, geriu os incentivos públicos em prol do benefício de seu movimento, sabotando ao máximo o crescimento do Manguebeat. Com um projeto esteticamente e politicamente fechado, Suassuna instalou “uma maneira personalista de gerir os recursos públicos para a cultura que priorizava os artistas alinhados com essa proposta as das culturas que valorizavam o passado, e entre esses não estavam o Movimento Mangue e a periferia de Recife (GUIMARÃES; CARVALHO, 2016, p. 8); (Grifo do autor).



Dessa forma,

Estavam postas duas visões diferentes sobre a cultura: uma pautada na valorização extrema do passado e de suas expressões, de maneira arcaica, e outra que aceitava e incorporava as ideias globais. Tratando-se de um conflito geracional daquele contexto, o Manguebeat pode ser compreendido como um contraponto ao movimento Armorial. (RAMOS, 2019. p. 16)

Podemos então compreender o Armorial como uma manifestação das instituições extrativistas existentes desde o período colonial brasileiro, segundo as características descritas por Acemoglu e Robinson (2012), ao limitar o acesso aos veículos midiáticos, de modo que a grande massa da população recifense não conseguisse denunciar as condições miseráveis em que vivia, mantendo o acesso a esses veículos somente para a pequena elite, por desprezar completamente as manifestações culturais que não estavam inseridas no círculo social próspero e limitado dos membros do movimento e, principalmente, por não verem a destruição criativa com bons olhos, isto é, a destruição do velho pelo novo.

Em contrapartida, o Manguebeat se apresenta como uma resposta a tais opressões, isto é, como uma cultura inclusiva. Ao exigir condições dignas de subsistência, ao abraçar o talento individual dos indivíduos, ao almejar a destruição criativa e ao olhar as inovações tecnológicas e culturais com bons olhos (Idem).

A dinâmica política exposta colabora para a tese dos autores sobre a importância da dominação do poder político nas sociedades com instituições políticas extrativistas, no que se refere ao controle social em todas as vertentes, onde

A política é o processo pelo qual uma sociedade escolhe as regras que vão governá-la. [...]. Sempre que houver conflito em torno das instituições, o que acontecerá vai depender das pessoas ou grupos que vencerem o jogo político - quem conseguir mais apoio, obtiver mais recursos e formar mais alianças eficazes. Em suma, o vencedor será determinado pela distribuição de poder político na sociedade. (ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. A. 2012, p. 84).

Ao perder o jogo político, o Manguebeat teve de se organizar coletivamente para encontrar espaço nas instituições econômicas de Pernambuco, reunindo 57 bandas no primeiro festival, em 1993 (Teles, 2000). Após o festival, o movimento foi descoberto pelo Festival Abril Pro Rock, que apresentou pela primeira vez as bandas da região em mídias nacionais. Lentamente, os mangueboys e manguegirls passaram a entrar nos veículos de comunicação de massa e, fortalecido pela popularidade na cidade, sobretudo no centro e nas periferias, ocupou espaço na programação das rádios (Idem).



Desse modo, “Eles fincaram uma parábola na lama do mangue das margens do Rio Capibaribe. Essa é a alegoria que sintetiza as ideias do movimento e que ilustra a face do Recife a partir das ideias dos mangueboys, novos construtores da identidade da cidade (OLIVEIRA, E.C.L. 2010).

VOZES DA RESISTÊNCIA: O DISCURSO DENUNCIATIVO DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI NO ÁLBUM DA LAMA AO CAOS

O álbum Da Lama ao Caos (1994), de Chico Science e Nação Zumbi, é um marco do Movimento Mangue e da história da música brasileira, ocupando a 13^a posição dos maiores discos da música brasileira pela Rolling Stone Brasil. Além da riqueza instrumental, o álbum possui um grande peso crítico ao denunciar a dura realidade do Recife, capital pernambucana, fato evidente nas letras das canções: “Monólogo ao Pé do Ouvido (Vinheta) / Banditismo por uma Questão de Classe”; “Rios, Pontes & Overdrives”; “A Cidade”; “Da Lama ao Caos”; “Maracatu de Tiro Certeiro”. O álbum não se limita a criticar o descaso estatal do governo com a condição de vida dos habitantes da cidade, mas também explora o senso de coletividade em “Atene-se” e celebra a destruição criativa em “Computadores Fazem Arte”. As situações abordadas nas músicas do grupo ícone do movimento Mangue oferecem o cenário ideal de análise sobre as consequências diretas das instituições extrativistas no cotidiano do Recife, evidenciando a miséria, a violência e o senso de coletividade da parcela pobre da população que se identifica com as músicas.

A miséria em Recife

“Porque no rio tem pato comendo lama?” (Rios, Pontes & Overdrives. 1994) O que faz os Mangueboys e Manguegirls viverem em tais condições miseráveis é a forma de organização extrativista do Recife, como já foi pontuado. Contudo, o que leva a elite que controla a política e a economia a não permitir o crescimento financeiro dessa população pobre?

O medo da elite extrativista de perder os seus privilégios deu origem a um dos maiores males da humanidade, a exploração de recursos da grande massa da população a fim de possibilitar o enriquecimento de uma parcela limitada da sociedade, resultando na pobreza. Visando superar essas condições, um movimento coletivo e revolucionário se torna crucial para lutar contra os demônios no poder. Tal situação pode ser observada neste trecho da canção Monólogo ao pé do ouvido/ Banditismo por uma questão de classe (1994):



*O medo dá origem ao mal
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
O orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios os que destroem o poder bravo da humanidade.*

Ainda na mesma canção e em Da lama ao caos, Chico Science e a Nação Zumbi trazem à tona o uso do roubo como ferramenta que traz a alimentação dos marginalizados, os trechos:

*E quem era inocente hoje já virou bandido
Pra poder comer um pedaço de pão todo fudido*

*Banditismo por pura maldade
Banditismo por necessidade (Monólogo ao pé do ouvido/ Banditismo por uma questão de classe. 1994)*

e o trecho:

*Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola
Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura
“Aê minha véia, deixa a cenoura aqui
Com a barriga vazia não consigo dormir” (Da lama ao caos. 1994),*

evidenciam o sucesso das instituições extrativistas ao degradar extremamente o bem-estar de grande parte da população. Afinal, o objetivo das pessoas que ocupam o topo da pirâmide social é crescer financeiramente, como disse Chico Science: “A cidade não para, a cidade só cresce / O de cima sobe e o de baixo desce” (A cidade. 1994).

A violência em Recife

Tal como a miséria, a violência em Recife, analisada através da lente das instituições extrativistas (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012), manifesta-se não somente como um fenômeno isolado, mas como uma expressão da desigualdade estrutural enraizada na organização



política e econômica da cidade. A música Maracatu de Tiro Certeiro, presente no álbum Da Lama ao Caos (1994) de Chico Science e Nação Zumbi, sintetiza essa relação ao articular crítica social e a denúncia da violência sistêmica.

A crítica social presente na canção retrata a tensão em viver nas comunidades do Recife, as quais estão afundadas na lama e no sangue. A violência sistêmica é representada na música no trecho:

*O sol é de aço, a bala escaldante
Tem gente que é como o barro
Que ao toque de uma se quebra
Outros não!
Ainda conseguem abrir os olhos
E no outro dia assistir TV (Maracatu de tiro certeiro. 1994).*

A metáfora presente no trecho da música retrata a situação dos moradores das periferias ao vivenciarem a violência em decorrência do descaso estatal, enquanto uns se quebram como barro, isto é, perecem, outros ainda vivem para contar história; os dois versos finais revelam uma certa naturalização por parte da população que sofre com tal violência, assistindo TV como se nada tivesse acontecido.

A normalização da violência também aparece em outro trecho da música:

*De tiro certeiro, é de tiro certeiro
Como bala que já cheira a sangue
Quando o gatilho é tão frio
Quando quem tá na mira - o morto!
Eh, foi certeiro - Oh se foi (Maracatu de tiro certeiro. 1994).*

Chico Science expõe tais situações com o objetivo de conscientizar os marginalizados que vivenciam ambientes violentos constantemente, bem como denunciar ao mundo a violência desenfreada nas comunidades, o trecho: “Em cada morro uma história diferente / Que a polícia mata gente inocente” (Monólogo ao pé do ouvido/ Banditismo por uma questão de classe. 1994) exemplifica bem tal situação. Ao escrever essas canções, Chico visou que o Estado melhorasse o ambiente social da comunidade.



Coletividade: mecanismo de transformação social

O discurso da coletividade aparece no álbum como uma ferramenta de combate à miséria e à pobreza. O pertencimento evocado em *Antene-se* (não só na canção, mas na trajetória percorrida pelo Movimento Mangue na busca pelo seu espaço na cidade) criou o tipo ideal de guerreiros para lutar contra a elite extrativista da quarta pior cidade do mundo, como diz Ramos (2019):

Ao produzirem sons e mensagens por meio da música e outras formas de agitações culturais na cidade, os atores do movimento comunicam-se com seus receptores e produzem trocas simbólicas. Estas trocas eram nutridas por desejos de mudança, resistência, participação política e valorização da cultura e do povo da região. (RAMOS, 2019. p. 11).

Os trechos seguintes reforçam a conexão criada entre os atores e os receptores que vivem a realidade exposta nas diversas canções do álbum, lembrando que todos que passaram, passam e vão passar por tais situações são mangueboys e manguegirls; portanto, o movimento Mangue também luta por eles.

*Recife, cidade
Onde a lama do mangue
Onde estão os homens insurreição
Minha corda costuma sair de andada
No meio da rua, em cima das pontes

É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo
Procure antenar boas vibrações
Procure antenar boa diversão
(Sou, Sou, Sou, Sou, Sou Mangueboy!) (Antene-se. 1994).*

Na canção *Computadores fazem arte*, o debate em torno da rivalidade entre o movimento Armorial e o movimento Mangue surge sutilmente. Os versos: “Computadores fazem arte / Artistas fazem dinheiro, dinheiro” (*Computadores fazem arte*. 1994) podem ser compreendidos como uma resposta do compositor às críticas em torno do Manguebeat ser considerado ou não uma manifestação artística. Science, ao escrever esses versos, demonstra apoio indiretamente à destruição criativa, desconstruindo os velhos costumes de como fazer arte, valorizando o talento individual e as novas tecnologias, com isso, conquistando um crescimento financeiro

Ao analisar as questões da miséria, da violência e da coletividade, podemos perceber que o Manguebeat se opõe a todos os pontos impactados pelas instituições extrativistas. Neste sentido, o movimento Mangue surge como uma pequena manifestação de uma instituição



inclusiva no âmbito da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manifesto Caranguejos com Cérebro (1992) e o álbum Da Lama ao Caos (1994), de Chico Science e Nação Zumbi, emergiram como eixos centrais de denúncia contra as instituições extrativistas e mobilização social no contexto sociopolítico da época. O Manguebeat transcendeu a arte ao articular críticas à exclusão social, à degradação ambiental e à negligência estatal, promovendo a coletividade como mecanismo de transformação. Sua fusão de tradições locais com influências globais simbolizou a “destruição criativa”, confrontando a rigidez das instituições extrativistas (neste contexto, simbolizadas como o movimento Armorial e as políticas públicas ineficazes) e propondo uma identidade recifense mais plural e dinâmica.

O embate com o Movimento Armorial, sob a liderança de Ariano Suassuna, ilustrou o conflito entre abordagens culturais extrativistas e inclusivas. Enquanto o Armorial promovia uma visão cultural homogênea e elitista, ancorada no passado, o Manguebeat valorizava a diversidade e a inovação, ampliando o acesso à produção cultural e midiática. Essa disputa reforça a ideia de que instituições inclusivas necessitam da redistribuição do poder político e do reconhecimento das vozes marginalizadas.

Ao retratar a miséria, a violência urbana e a resiliência coletiva, as letras de Chico Science não se limitaram a denunciar estruturas opressoras, mas também idealizaram um futuro alternativo para Recife. O movimento evidenciou como a integração de tecnologias, redes globais e práticas colaborativas pode transformar identidades locais e romper ciclos históricos viciosos de exploração.

O Manguebeat não foi apenas um fenômeno artístico, mas um projeto político que confrontou instituições extrativistas e ampliou espaços de participação social. Sua trajetória ressalta a importância de instituições inclusivas para a construção de sociedades mais justas, além de reforçar o potencial da cultura como ferramenta de resistência e reinvenção coletiva.

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. A. *Por que as nações fracassam: As origens do poder, da prosperidade e da pobreza*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. *durval muniz História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.



GUIMARÃES, R. G.; CARVALHO, C. O Movimento Manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco. *Políticas Culturais em Revista*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 110-133, 2016. DOI: 10.9771/pcr.v9i1.16800. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/16800>. Acesso em: 10 fev. 2025

OLIVEIRA, E. C. L. A construção da Manguetown: caranguejos com cérebro articulando o Recife com fluidez global. In: XIV Encontro de História da ANPUH-PB ? História, Memória e Comemorações?, 2010, João Pessoa-PB. Caderno de Resumos do XIV Encontro de História da ANPUH-PB. Campina Grande-PB: EDUFCG, 2010. p. 29-29. Disponível em: <http://anpuhpb.org/anais_14eeh_anpuhpb/artigos_dos_simposios_tematicos/ST_05_Cidade_cultura_e_sensibilidades/Esdras%20Carlos%20de%20Lima%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2025.

RAMOS, Lucas Borges. Manguebeat: identidade e narrativa. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/dc4a8713-d52c-4c62-a52c-419416515797/tc4361-lucas-ramos-manguebeat.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2025

RENATO L (1998), Arqueologia do Mangue, Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Recife, jan./fev., Suplemento Cultural, pp. 30.

TELES, José (2000), Do frevo ao manguebeat, 1.ed., São Paulo, Ed. 34.

Websites

Manifesto Caranguejos com Cérebro, 1992. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1308779-7085,00-LEIA+O+MANIFESTO+CARANGUE-JOS+COM+CEREBRO.html>

Discografia

CHICO Science e Nação Zumbi. Da Lama ao Caos. Produção de: Liminha. Recife: Chaos / Sony Music, 1994.